

INDÚSTRIA E ESPAÇO URBANO: A DINÂMICA DE RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA (PR, BRASIL)

Patricia Baliski – Geógrafa, Mestranda em Geografia UFPR (Brasil), Bolsista CAPES

Eixo Temático: Dinâmica Urbana, Redes e Transporte

Este artigo objetiva analisar a relação entre indústria e espaço urbano, no aglomerado metropolitano de Curitiba (Estado do Paraná, Brasil). Para tal, se fundamenta na perspectiva teórica da produção do espaço, concebendo a indústria como um importante agente transformador da materialidade urbana, a cidade. A tentativa de entendimento dos processos que explicam tal relação norteia a presente pesquisa. Nesse sentido, com base na comparação de dados existentes nos cadastros industriais do período 1965-2008 (razão social e localização), foram identificadas algumas dinâmicas espaciais da indústria que comprovadamente têm acarretado na extensão urbana nas últimas décadas, tais como novos investimentos, criação de filiais e relocalizações nas escalas intra-urbana e interurbana. Entre essas, destaca-se a relocalização industrial interurbana, a qual consiste no deslocamento das unidades produtivas a partir de Curitiba para os municípios limítrofes. Essa dinâmica indica não somente novas tendências de localização, na medida em que insere novos lugares no processo produtivo, mas também a crescente complexificação do espaço urbano, principalmente nos últimos anos. Ou seja, denota um extravasamento das vantagens de localização para outros municípios, bem como a inserção de novos conteúdos em tais lugares, pois a indústria ao se instalar se faz acompanhar de serviços, trabalhadores e infraestrutura.

Palavras-Chave: Indústria, Aglomerado Metropolitano de Curitiba, Espaço Urbano.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre os impactos da indústria na cidade, ou ainda a relação entre esses dois objetos, pode ser realizada de inúmeras formas, conforme a perspectiva que se adote. As várias possibilidades de análise são decorrentes do desenvolvimento do conhecimento científico que, ante a crescente complexidade da realidade, torna-se mais fragmentado e especializado. Um objeto não consegue mais ser explicado em sua totalidade apenas por uma única ciência. Várias ciências abordam diversamente os fenômenos, a partir de métodos específicos e diferentes.

Em se tratando da geografia, entende-se que a questão primordial não é a definição do seu objeto, mas o método que a diferencia de outras ciências e permite

a apreensão numa perspectiva geográfica. Para Carlos (2008), o ponto de vista geográfico é o da espacialidade, o da dimensão espacial da realidade social e o do papel do espaço na (re) produção da vida humana. Para Santos (2004), é a forma de tratar geograficamente os objetos, ou seja, de compreender que a significação geográfica dos objetos vem do papel que eles desempenham no processo social, pelo fato de estarem contíguos e estarem sistematicamente interligados.

A espacialidade, inerente à pesquisa geográfica, traduz-se a partir das configurações existentes no espaço geográfico, qualificadas por suas próprias características, diferenciando-se historicamente das demais formas existentes. As formas produzidas, assim como a produção do próprio espaço geográfico, diferenciam-se em função do momento histórico e das exigências e necessidades da sociedade.

Nesse sentido, a indústria também enquanto forma produzida marca distintamente o espaço construído conforme o estágio de desenvolvimento das forças produtivas. O desenvolvimento das técnicas e dos modos de organização e gestão acarreta diretamente na dinâmica de localização dos estabelecimentos industriais e conseqüentemente nas marcas impressas no espaço geográfico. As transformações vão além dos impactos urbanísticos decorrentes de uma atividade de grande impacto, pois permitem o desenvolvimento de processos mais complexos, tal qual o da expansão da cidade, ou seja, da produção do espaço urbano.

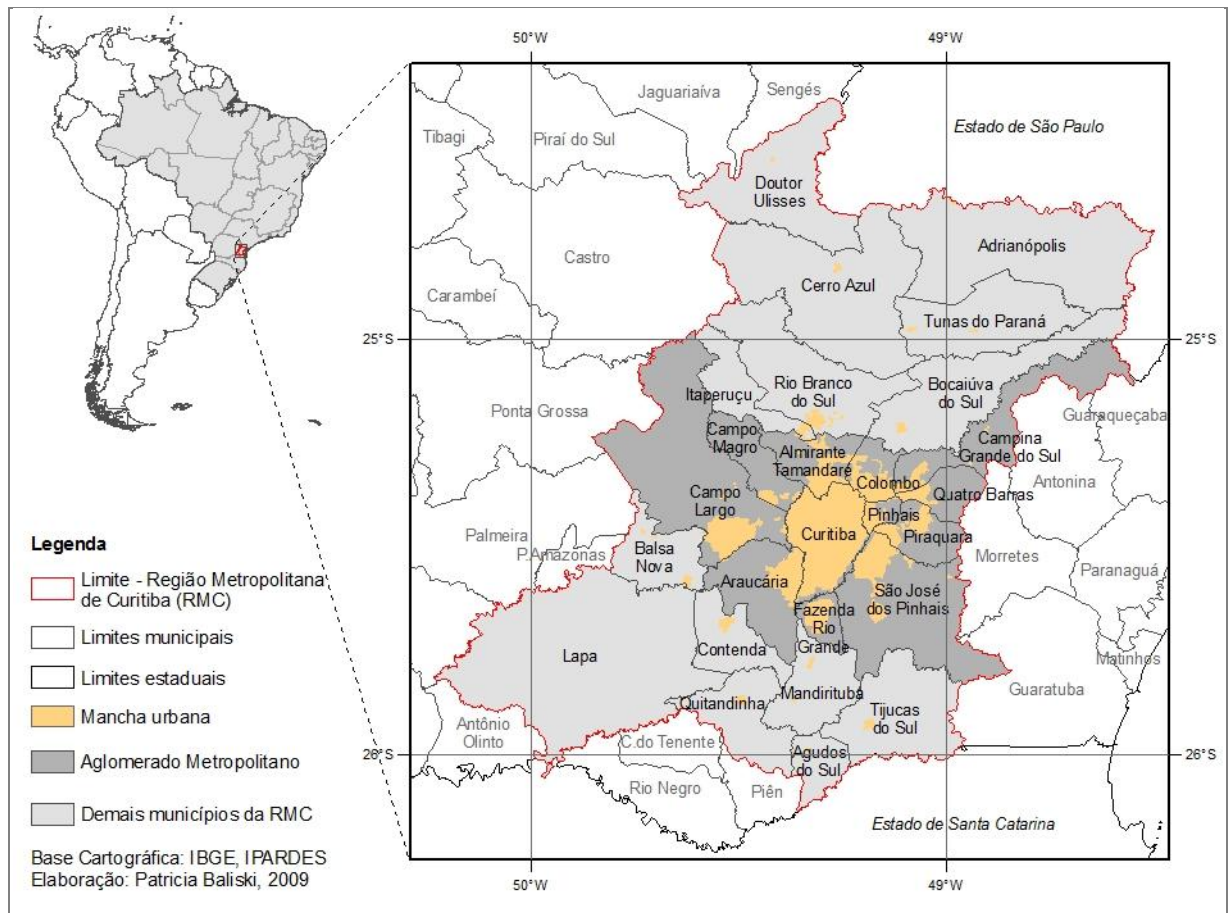
Na tentativa de se desvendar a natureza da relação entre indústria e espaço urbano é que se insere a presente pesquisa. Para tal, prioriza as dinâmicas espaciais de realocação industrial no contexto interurbano. A opção por essa escala se justifica na medida em que a crescente complexificação do espaço de Curitiba não se explica sem que se leve em consideração as relações existentes com os espaços circunvizinhos, ou seja, o da totalidade do aglomerado.

A CONSOLIDAÇÃO DA INDÚSTRIA NO AGLOMERADO

A conformação do que hoje se constitui como o espaço industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba é o resultado da sobreposição de diversos processos desenvolvidos ao longo de um determinado período histórico. Tais

processos foram se materializando em diferentes formas que assumiram variadas funções, de acordo com os interesses vigentes do capital.

Esse espaço dotado dos atributos necessários à reprodução do capital diferencia-se da Região Metropolitana institucionalizada (MAPA 1). Segundo Firkowski (2009, p. 160), o aglomerado abrange o espaço efetivamente pleno de relações metropolitanas que, em Curitiba, se limitaria a menos da metade dos municípios componentes da atual Região Metropolitana. “Por relações metropolitanas, entende-se a existência de intensos fluxos cotidianos, cuja regularidade e perenidade caracterizam um mesmo espaço de relações”.



MAPA 1 – REGIÃO METROPOLITANA E AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA (PARANÁ/BRASIL)

Assim, as primeiras indústrias localizadas na área que atualmente compreende o aglomerado metropolitano de Curitiba instalaram-se a partir do final do século XIX e estavam ligadas diretamente ao beneficiamento de produtos do setor primário, destacando-se a erva-mate e a madeira. Com o passar do tempo e as necessidades advindas do crescimento urbano, desenvolveram-se outras indústrias,

no entanto, a maioria relacionada aos gêneros tradicionais, ou seja, com baixo grau de tecnologia inserida no processo produtivo e portanto, dependente de grandes quantidades de mão-de-obra. Até o final da década de 1960, a atividade industrial se concentrava em Curitiba, e nesta cidade em áreas bem delimitadas, como as dos bairros Rebouças e Prado Velho, devido à grande dependência do transporte ferroviário.

A partir de meados de 1960, iniciou-se o segundo momento da indústria na região de Curitiba. Esse momento que compreendeu o período que vai do final dos anos 1960 até o final da década de 1980, foi reflexo da grande intervenção estatal em todas as instâncias sociais e econômicas no Brasil. Nesse sentido, foram criadas várias agências de fomento pelo governo estadual, que visavam propiciar o financiamento da infraestrutura básica e da atividade industrial, principalmente para as unidades ligadas aos gêneros dinâmicos. Vários investimentos foram realizados, culminando na instalação de grandes projetos de âmbito nacional na região de Curitiba, como os complexos cimenteiro, metal-mecânico e de refino de petróleo.

A inserção de Curitiba no processo de industrialização dos gêneros dinâmicos ocorre nesse período, quando é criada a Cidade Industrial de Curitiba (CIC) em 1973, a qual foi um projeto conjunto entre os governos estadual e municipal, buscando mudar a matriz produtiva do Paraná. A CIC representou a consolidação da construção de um ambiente com infraestrutura adequada para a implantação de grandes projetos, aliada à localização conjunta da classe trabalhadora e dos serviços de apoio à indústria.

Além de Curitiba, o município de Araucária também se inseriu no processo de industrialização verificado no período, principalmente pela instalação da Refinaria Getúlio Vargas em 1972, em uma área que posteriormente foi definida como de uso exclusivamente industrial, qual seja o Centro Industrial de Araucária (CIAR).

Contrariamente ao “milagre econômico” da década de 1970, os anos de 1980 caracterizaram-se pela diminuição do crescimento, bem como o processo de desconcentração da atividade industrial verificado no decênio anterior. A economia do Paraná acompanhou o baixo crescimento do Brasil nos anos 1980, salvando-se pontualmente em face da maturação de alguns investimentos em ramos modernos e da continuidade da diversificação dos segmentos tradicionais, sobretudo os do agronegócio (LOURENCO, 2003; BITTENCOURT, 2003).

A década de 1990 representa o início de um novo período em que são priorizadas as intervenções das esferas estadual e municipal no âmbito das negociações em prol de investimentos na área industrial, diferentemente do momento anterior, no qual o governo federal direcionou com supremacia os grandes investimentos industriais.

Nesse sentido, as alterações nas formas de operação do sistema econômico brasileiro, decorrentes da abertura comercial e financeira, em conjunto com o advento do Mercosul e a estabilidade monetária, determinaram diretamente a movimentação espacial das atividades econômicas, com destaque para a industrial. Isso ocorreu em função da diminuição do peso do governo federal e das empresas estatais e da ampliação da interferência dos componentes de mercado e das forças políticas subnacionais, materializadas na guerra fiscal e na concessão de infraestrutura para as empresas (LOURENÇO, 2003).

Nesse contexto é que se insere a nova fase de industrialização paranaense, e de acordo com Firkowski (2001, p. 88), principalmente pelo desempenho que teve em relação “[...] à atração de novos investimentos industriais, notadamente do setor automobilístico”.

O setor automobilístico, segundo Bittencourt (2003), tem grande capacidade de geração de valor adicionado devido a sua complexidade na organização da produção. Em função disso, a sua eficiência na absorção, bem como na disseminação de inovações tecnológicas, torna esse setor muito dinâmico e atrativo para as regiões periféricas que procuram se engajar nos ciclos de expansão econômica, ditados pela globalização da produção.

Assim, o estado paranaense procurou atrair as indústrias ligadas a esse setor, principalmente através da concessão de benefícios fiscais e financeiros por meio do programa “Paraná Mais Empregos”. Esse programa iniciado em 1995 tinha incentivos diferenciados de acordo com o gênero industrial e o município no qual seria realizada a instalação, visando nesse último caso, a desconcentração industrial em relação à Curitiba.

Decorrente de todos os benefícios concedidos vários protocolos foram assinados. No entanto, Firkowski (2001), atenta para o fato de que contrariamente a um dos objetivos do programa, o qual se referia à desconcentração industrial no Paraná, a maioria das empresas optou pela localização em municípios no aglomerado, em função da proximidade com Curitiba.

A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO E A BUSCA POR NOVAS LOCALIZAÇÕES

A crescente complexificação do aglomerado metropolitano de Curitiba se materializa no espraiamento das condições materiais de reprodução do capital para outros municípios além de Curitiba. A emergência de outras cidades em conjunto com a metrópole evidencia esse espaço metropolitano dotado das vantagens que as grandes indústrias requerem. Através dos dados expressos na TABELA 1 é possível se constatar o aumento de estabelecimentos em outros municípios do aglomerado, além de Curitiba, no decorrer do período 1960-2008.

TABELA 1 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: TOTAL DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, 1960-2008

MUNICÍPIO	1960	1975	1980	1997	2008
Almirante Tamandaré	56	67	83	156	216
Araucária	45	54	85	170	344
Campina Grande do Sul	4	14	19	58	85
Campo Largo	69	99	111	267	371
Campo Magro	-	-	-	-	49
Colombo	31	99	141	334	610
Curitiba	1171	1751	2021	3754	4409
Fazenda Rio Grande	-	-	-	99	170
Pinhais	-	-	-	351	748
Piraquara	53	47	97	33	58
Quatro Barras	-	28	26	46	68
São José dos Pinhais	94	178	252	525	1015

FONTE: Censos Industriais (IBGE, 1966, 1979, 1984); RAIS (MTE, 1997, 2008)

NOTA: Município criado após o período

Em concomitância há um processo em curso que dota valores diferenciados para os lugares, ao longo do tempo. Assim, a desvalorização de um local em detrimento da valorização de outro, acarreta também no movimento das atividades produtivas dentro do espaço urbano.

Sob essas duas perspectivas é que a realocação industrial deve ser concebida. Nesse sentido, se de um lado o fazer-se ininterrupto da sociedade diferencia o espaço geográfico; de outro, há a homogeneização de certas características necessárias ao desenvolvimento do capital em um número crescente de lugares.

Embora os dados apresentados na TABELA 1 permitam uma aproximação do crescimento de importância da atividade industrial no aglomerado, não comportam a compreensão dos processos de valorização e desvalorização dos lugares. Nesse sentido, buscou-se uma metodologia que possibilitasse a análise das localizações urbanas em uma escala de detalhe.

Assim, priorizou-se como escala de análise a localização de cada unidade industrial no aglomerado e não somente os totais dos municípios em anos pré-determinados. Considera-se que a utilização de diferentes escalas aponta para mudanças de conteúdo e de sentido do próprio fenômeno, ou seja, a mudança para uma escala de detalhe introduz uma nova dimensão, na qual é possível apreender novos conteúdos (CASTRO, 2007).

Visando chegar a essa escala de detalhe a metodologia de análise levou em consideração a localização das indústrias existentes entre a década de 1960 e os anos 2000. Para isso, foram utilizados como referência os cadastros industriais publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1965; Secretaria da Indústria e do Comércio, de 1977; e Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP), de 1986, 1996 e 2008. Os dados existentes nesses cadastros dizem respeito à razão social de cada indústria, o endereço e o que é produzido, sendo que nos cadastros de 1965, 1977, 1996 e 2008 encontram-se, ainda, informações relativas ao número de funcionários.

Os dados de todos os cadastros foram tabulados e posteriormente cruzados, permitindo identificar quais as indústrias que apresentaram transferência de unidade, utilizando-se para isso os endereços constantes. Na TABELA 2 estão indicadas as quantidades de indústrias instaladas a partir da identificação da realocação industrial interurbana.

Como pode ser observado, existem alguns municípios que se destacaram mais em relação a esse tipo de localização industrial, tais como São José dos Pinhais, Pinhais e Araucária. Sobre esse último, vale lembrar que no mesmo foi instalada a refinaria Getúlio Vargas da Petrobrás, na década de 1970, culminando na mudança do perfil produtivo do município. Assim, a existência de um espaço favorável à atividade industrial justifica a quantidade de deslocamentos existentes para esse município.

TABELA 2 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DECORRENTES DA RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1965-2008

MUNICÍPIO	1965-1977	1977-1986	1986-1996	1996-2008	TOTAL
Almirante Tamandaré	0	1	3	1	5
Araucária	1	0	7	4	12
Campina Grande do Sul	0	1	1	1	3
Campo Largo	0	0	2	1	3
Campo Magro	-	-	1	1	2
Colombo	1	2	5	3	11
Curitiba	1	0	4	4	9
Fazenda Rio Grande	-	-	0	1	1
Pinhais			13	5	18
Piraquara	1	2	1	0	4
Quatro Barras	0	0	0	2	2
São José dos Pinhais	0	1	12	8	21

FONTE: Elaborado pela autora com base em IBGE (1968), Secretaria da Indústria e Comércio/PR (1977), FIEP (1986, 1996, 2008)

NOTA: (-) Município criado após o período

Em relação a São José dos Pinhais destaca-se que desde a década de 1950, esse município apresentava participação significativa no total de estabelecimentos, especialmente em relação à atividade madeireira. Dentre os municípios do aglomerado sempre esteve entre aqueles com maior representatividade no que se refere à atividade industrial. Entende-se que o desenvolvimento da indústria nesse município, no decorrer das décadas, propiciou a consolidação das condições necessárias ao desenvolvimento da atividade produtiva e da reprodução do capital, propiciando as instalações decorrentes da relocação industrial.

Pinhais, apesar de ser um município de criação recente, início da década de 1990, já detinha quantidade expressiva de estabelecimentos industriais, na medida em que em seu território estavam localizadas as áreas destinadas a este uso, quando ainda era distrito de Piraquara. No entanto, foi a partir da década de 1990 que essa área despontou no aglomerado, sobretudo em função da quantidade de estabelecimentos, muitos dos quais, ligados aos gêneros dinâmicos.

Pelo exposto, fica evidente que apesar do aglomerado ser interessante ao capital, afinal existem as condições materiais para a sua reprodução, não são todos os lugares abrangidos pelo processo. Assim, embora o capital seja indiferente

quanto ao lugar da valorização, contraditoriamente dá grande atenção às diferenciações dos lugares (BRANDÃO, 2007).

A diferenciação de lugares pode ser visualizada no MAPA 1. Primeiramente se destaca que Curitiba é a principal origem dos deslocamentos. Vale lembrar que essa cidade se constituiu desde o final do século XIX como a mais importante para o desenvolvimento da atividade industrial. Essa hegemonia se materializou na concentração das maiores áreas industriais do estado do Paraná.

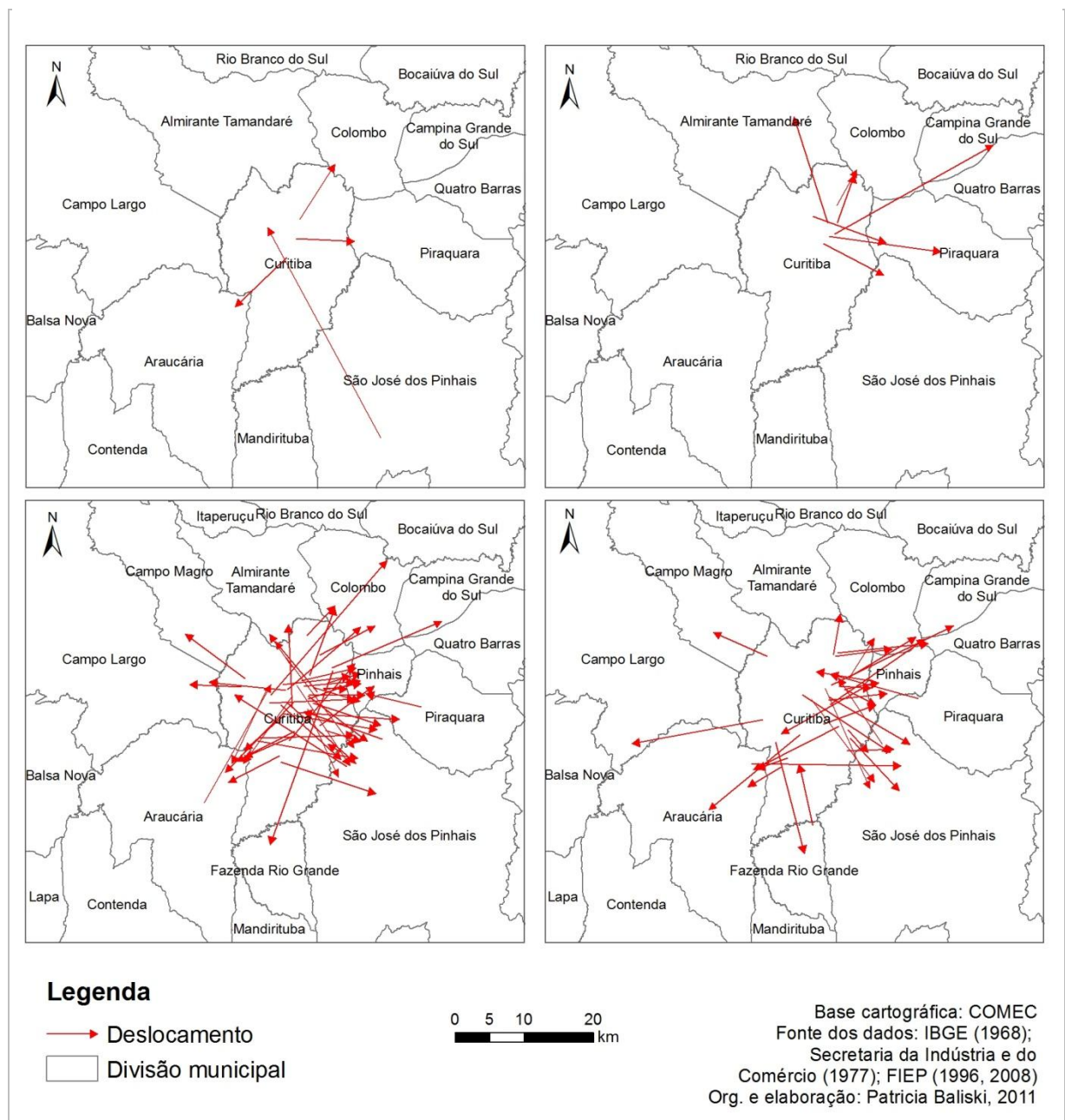


FIGURA 1 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1965-2008

Ora, entende-se que em um primeiro momento, até o final da década de 1980, essa cidade apresentava o que é comumente chamado de economias de aglomeração. Porém, com a intensificação da ocupação urbana, os aspectos negativos existentes nas grandes cidades se sobrepõem aos positivos. Assim, segundo Caravaca e Mendez (2003) e Mérenne-Schoumacker (2002), se constata a existência dos fatores de expulsão, na cidade principal (Curitiba), em concomitância aos de atração, nas áreas periféricas. O primeiro diz respeito aos elevados custos de implantação e manutenção (solos, imóveis, fiscais), às restrições da atividade (ambiental, legislação do uso do solo, dificuldade de ampliação), à dificuldade de mobilidade (congestionamentos, ausência de estacionamentos, limitações ao tráfego pesado) e à deterioração do parque industrial (deterioração das instalações, inadaptação aos novos processos). Contrariamente, os fatores de atração são resultado da oferta crescente de solo urbanizado, imóveis para a atividade em espaços de menor densidade, bons acessos, espaços para circulação e estacionamentos e também ajuda pública para as instalações de novas empresas geradoras de empregos.

Assim, para Caravaca e Mendez (2003) e Briano, Fritzsche e Vio (2003), em função da existência dessas condições, a tendência observada nas aglomerações metropolitanas é um forte impulso a processos de desconcentração espacial da indústria, que se beneficia de um lado das vantagens comuns ao espaço metropolitano, tais como vias de transporte e mão-de-obra, e de outro, de controles urbanísticos diferenciados, em função das diferentes legislações municipais, e oferta de solo mais barato nas cidades próximas à metrópole.

Isso fica evidente quando se observa que além da inserção significativa de poucos municípios, as áreas em que ocorrem as instalações decorrentes da realocação são lugares bem específicos nos mesmos, geralmente próximos aos limites com Curitiba. Para Mérenne-Schoumaker (2002), as transferências se produzem geralmente na periferia próxima da primeira localização, pois as empresas desejam conservar sua mão-de-obra, seus clientes, seus subcontratados e fornecedores.

É importante também destacar que a análise das realocações industriais no âmbito da escala interurbana, em uma perspectiva espaço-temporal, permite acompanhar a expansão do espaço produtivo. Essa situação pode ser observada no município de São José dos Pinhais, ao se comparar os quadros da realocação

1986-1996 e 1996-2008. O último demonstra que houve um aumento na extensão dos deslocamentos gerados, em comparação ao primeiro. Isso evidencia não somente que há um espraiamento das condições necessárias à reprodução do capital para outros lugares para além de Curitiba, como também que em tais lugares há uma ampliação espacial destas condições.

Ressalta-se que as relações no aglomerado se tornaram mais complexas com a inserção do grande capital em Curitiba, a partir da década de 1970. Nesse momento, como já indicado anteriormente, houve incentivo à instalação de grandes indústrias, principalmente multinacionais. Consequentemente, a complexificação crescente do espaço e o espraiamento da mancha urbana, tornaram possível que a reprodução do capital pudesse ser realizada em outros lugares, para além de Curitiba. Porém, é claro, em locais em que pudesse se aproveitar as vantagens de proximidade em relação a essa cidade.

É nesse contexto que concomitantemente à complexificação do espaço urbano em Curitiba, há a acentuação do processo de realocização industrial. Portanto, os processos espaciais que ocorrem no aglomerado encontram sua matriz explicativa na reprodução da metrópole, Curitiba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção de analisar a dimensão espacial da indústria em uma escala de detalhe permitiu apreender o fenômeno sob uma nova perspectiva, bem como aplicar uma metodologia que possibilitasse compreender mais a dinâmica industrial.

Assim, verificou-se que as realocizações interurbanas aumentaram e inseriram novos municípios, no entanto, com destaque para São José dos Pinhais, Pinhais e Araucária. Constatou-se que apesar de ocorrer esse espraiamento da atividade industrial, originado principalmente em Curitiba, isto ainda ocorre de forma concentrada, tanto quando se considera os municípios, tanto quando se verifica os lugares de destino nos mesmos.

Percebeu-se que muitas das transferências se produziram na periferia próxima da localização anterior, pois a atividade industrial necessita conservar mão-de-obra, clientes e fornecedores. E é nos lugares que ofertam as melhores condições que irão se destinar grande parte das realocizações. Dessa forma, os três

municípios citados agregam proximidade, acessibilidade e áreas destinadas às atividades industriais, atraindo vários investimentos.

Assim, pelo exposto, considera-se que a abordagem pautada na análise da realocação industrial dá subsídios para se entender a formação dos espaços industriais, principalmente daqueles que apresentam certa complexificação. Nesse caso, apenas a análise em conjunto pode evidenciar as estratégias locacionais e a diferenciação dos lugares de acordo com sua valorização em um dado momento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, J. T. **Novo perfil produtivo e dinâmica espacial de Curitiba: uma leitura a partir das fases do desenvolvimento regional da economia brasileira e das recentes mudanças no padrão de produção industrial.**199f. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Geografia. UFPR, Curitiba, 2003.

BRANDÃO, Carlos. **Território e Desenvolvimento:** as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas/SP:Editora da UNICAMP, 2007, 238 p.

BRIANO, Luis. .E.; FRITZSCHE, Frederico J.; VIO, Marcela L. El lugar de la industria. Los parques industriales en la reestructuración productiva y territorial de la Región Metropolitana de Buenos Aires. **Eure**, Santiago de Chile, v. 29, n. 86, maio 2003, 26 p. Disponível em <<http://www.scielo.cl>> Acesso em maio de 2008.

CASTRO, Iná E. O problema da escala. In: CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.;CORRÊA, R.L. Geografia: Conceitos e Temas. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 117-140.

CARAVACA, Imaculada; MÉNDEZ, Ricardo. Trayectorias industriales metropolitanas: nuevos procesos, nuevos contrastes. **Eure**, Santiago de Chile, vol.29, n. 87, setembro 2003, p. 37-50. Disponível em <<http://www.scielo.cl>> Acesso em setembro de 2008.

CARLOS, Ana F.A. **A (Re)Produção do Espaço Urbano.** 1ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 270 p.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Anuário das Indústrias 1986/87:** Paraná, Brasil. Curitiba: FIEP, 1986. 179 p.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Catálogo Industrial 1996.** Curitiba: FIEP, 1996. 949 p.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Cadastro das Indústrias, Fornecedores e Serviços 2008**. Curitiba: FIEP, 2008. CD-ROM.

FIRKOWSKI, O.L.C.F. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. 278 f. Tese de Doutorado (Geografia Humana). FFLCH, USP, 2001.

FIRKOWSKI, O.L.C.F. Localização industrial e extensão urbana em Curitiba. In: MOURA, R.; FIRKOWSKI, O.L.C.F. (Org.). **Dinâmicas Intrametropolitanas e Produção do Espaço na Região Metropolitana de Curitiba**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles: Observatório de Políticas Públicas Paraná; Curitiba: Letra Capital Editora, 2009. p. 157-173.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Industrial de 1960: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul**. Volume III, Tomo VII. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cadastro Industrial - 1965: Estado do Paraná**. Rio de Janeiro: IBGE, 1968.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Industrial: Paraná**. Volume 2, Tomo 18. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Industriais, Dados Gerais: Paraná**. Volume 3, Tomo 2, Parte 1, Número 20. Rio de Janeiro: IBGE, 1984.

LOURENÇO, Gilmar M. **A economia paranaense em tempos de globalização**. Curitiba: Ed. do Autor, 2003. 174 p.

MÉRENNE-SCHOUMAKER, Bernadette. À l'Échelle des Aires Urbaines: décomposition et recomposition des structures et des espaces. In: __. **La localisation des industries: enjeux et dynamiques**. Rennes: Presses Universitaires, 2002. p. 95-102.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. **Estabelecimentos Industriais: 1997**. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>> Acesso em Dezembro de 2010.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. **Estabelecimentos Industriais: 2008**. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>> Acesso em Maio de 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 384 p.

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO. **INCOSERV: Estado do Paraná**. Curitiba: 1977.